

HISTÓRIAS DO RECIFE (1925 A 1935): CLARICE LISPECTOR E O ENCONTRO COM A CIDADE

Henrique Inojosa Cavalcanti

Mestrando em História – PPGH UNICAP

henriqueinca@gmail.com

Resumo

O presente trabalho visa elaborar um estudo sobre a passagem da escritora Clarice Lispector na cidade do Recife, levando em consideração o contexto histórico, cultural, social, econômico presentes na cidade no período compreendido entre 1925 a 1935, época em que a escritora morou no lugar. Vida, obra e cidade não se confundem, mas se interligam profundamente. Clarice Lispector chegou no Recife em 1925, quando a cidade começava a se modernizar. O bairro do Recife estava sendo reformado, o porto modernizado, o abastecimento de água e o plano de esgotamento sanitário melhorados. A cidade estava ficando também mais bonita. A praça do Parque Amorim e a praça Sérgio Loreto foram embelezadas, a avenida Boa Viagem estava sendo aberta. Em 1930, o assassinato de João Pessoa marcou a época. Faremos então, uma revisitação da história do Recife, porém, sob a perspectiva do que Clarice Lispector vivenciou na cidade. Ela começou a escrever no Recife, ainda quando criança e em fase adulta, escreveu sobre a cidade como verificamos através de contos e crônicas como a exemplo de “Restos de carnaval” e “Banhos de mar”. Uma viagem histórico-afetiva ao tempo de Clarice e do Recife nas décadas de 1920 e 1930.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Recife, história.

Introdução

Em minhas primeiras leituras da obra de Clarice Lispector, não sabia que a escritora havia vivido no Recife até a adolescência. Na minha casa, os comentários sobre ela eram recorrentes, sobretudo pela minha mãe, que era sua admiradora. Quando descobri que Clarice chegou na cidade ainda pequena e morou na praça Maciel Pinheiro em um sobrado que ainda existe (e resiste ao descaso público), uma profusão de sentimentos e curiosidades me invadiu. Como entender aquele Recife vivido por Clarice? A cidade, de certa forma, era também uma criança com seus 388 anos em 1925. Era uma

cidade que possuía seus encantos provincianos mas com vontade de avançar rumo à modernização que o mundo contemporâneo estava propondo.

Para tentar reavivar este passado, contamos com as pesquisas de Antônio Paulo Rezende, Sylvia Couceiro, Souza Barros, além de outros historiadores. Quanto aos aspectos biográficos de Clarice Lispector, tomamos como referência principalmente os trabalhos de Nádia Battella Gotlib, Teresa Cristina Montero Ferreira e as percepções de mundo da própria Clarice Lispector inseridas em suas crônicas, contos, romances. O que a escritora viveu no Recife está presente em sua obra de diversas formas como nas crônicas Restos de Carnaval, O Passeio da Família, em contos como Felicidade Clandestina, em romances como A Hora da Estrela. Neles, identifica-se um nordeste visto pelo olhar de uma criança ávida pelas descobertas, pelas leituras, pelas explorações da cidade. Existiam também angústias, que pareciam estar relacionadas diretamente com a forma pela qual a doença da mãe se apresentava para ela e com a pobreza da família. À sua maneira, aquela criança criativa e alegre sabia aproveitar o que o Recife tinha a lhe oferecer. A felicidade que sentia de estar com a família nos banhos de mar em Olinda, no prazer de ler, no carnaval, estão todos presentes em sua obra.

Este trabalho apresenta um pouco do que foi o Recife nos anos 1920 e 1930 e também um pouco de quem foi Clarice Lispector quando criança, cujas vivências na cidade contribuíram para que se tornasse não apenas uma grande escritora, mas uma personalidade inspiradora. Uma pessoa que questionava e constantemente colocava à prova sua existência.

Recife de portas abertas

Por ocasião de uma conferência proferida no auditório do Banco do Estado de Pernambuco (Bandepe), em 1976, Clarice Lispector esteve no Recife pela última vez. Aquela teria sido também sua última viagem em vida (ela faleceria no ano seguinte). Na ocasião, ela se hospedou no Hotel São Domingos, na praça Maciel Pinheiro, onde havia morado quando chegou com a família na cidade, em 1925. Acompanhada de Olga Borelli, uma grande amiga, sentou-se num banco da praça para contemplar o sobrado onde havia

passado sua infância. As duas então, ouviram um vendedor de frutas falar o pregão: “Ô minina, você qué pitomba?” Clarice ficou maravilhada (BORELLI, 1981, p. 43). Pouco tempo depois, um entrevistador do *Jornal do Comercio* perguntou a ela: “O Recife continua existindo em Clarice Lispector?”. Ela respondeu: “Está todo vivo em mim” (GOTLIB, 2014, p. 429).

50 anos antes desta viagem acontecer, Clarice brincava pelas ruas do Recife, frequentava o colégio, ia ao teatro, ao bairro do Derby, a Olinda, ao porto. Este último, nascedouro da cidade, recebeu os Lispector quando a família chegou de Maceió. Primeiro chegou o pai de Clarice, Pedro. Depois Marieta, esposa de Pedro, acompanhada de Elisa, Tania e Clarice, as três filhas do casal ¹. A família não tinha se adaptado em Maceió. Dos empregos que Pedro conseguiu, o primeiro de mascate e o segundo de produtor de sabão, não prosperaram ². Surgiu então, a necessidade de tentar nova vida e novos negócios no Recife (GOTLIB, 2013, p. 50-52).

Na praça Maciel Pinheiro, no bairro da Boa Vista, Pedro encontrou um sobrado de dois andares para abrigar a família. Assim como os Lispector, várias famílias judias escolhiam o bairro da Boa Vista para morar. Os judeus eram em sua maioria comerciantes e aquele bairro era próximo à rua Nova (LUDERMIR, 2005, p. 97-98), importante centro comercial na época, onde se concentravam lojas imponentes e as senhoras da sociedade costumavam sair para o “footing”, como se chamavam os passeios não apenas para fazer compras, mas também para exibir seus mais novos vestidos e penteados da moda (COUCEIRO, 2003, p. 167-168).

A praça Maciel Pinheiro, onde os Lispector se estabeleceram, servia de ponto de encontro para os judeus. Eles frequentavam o lugar para conversar em ídiche, discursar sobre política, judaísmo, lazer, e outros assuntos. Desta forma, sentiam que a comunidade judaica estava viva. “A praça Maciel Pinheiro era um centro de efervescência da vida judaica daquela época” (ROSSITER; LEÃO; CHAVES, 2007).

Saindo da praça e rumando ao leste, encontra-se a rua Imperatriz Teresa Cristina, onde Clarice também morou. Depois, a ponte da Boa Vista, a rua Nova, a praça da Independência, a rua 1º de Março, a ponte Maurício de Nassau. Chega-se então no Bairro do Recife, onde se encontra o porto, nascedouro da cidade. Em 1925 quando a família

Lispector chegou no Recife, o porto tinha sofrido reformas no intuito de receber navios maiores. Assim como ele, todo o Recife estava sendo modernizado. O então governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, usava como palavras de ordem “urbanizar, civilizar e modernizar” (REZENDE, 2005, p. 94-95).

O Recife precisava acompanhar a expansão capitalista que o mundo atravessava. Sérgio Loreto decidiu então reaparelhar o porto, reformar o Bairro do Recife, melhorar os serviços de abastecimento d’água, criar um plano de esgotamento sanitário, embelezar lugares públicos como a praça do Parque Amorim e a campina do Bodé, reformar o largo da Encruzilhada, urbanizar o bairro do Derby, construir mercados públicos, abrir ruas e avenidas, como a avenida Beira Mar, hoje conhecida como avenida Boa Viagem (BARROS, 2015, p. 14-15).

Não foi fácil para o governador realizar todas estas obras pois enfrentava problemas no âmbito político e econômico. Pernambuco possuía uma economia calcada em um único produto: o açúcar. O estado produzia e exportava açúcar, porém, carecia de produtos básicos como charque, arroz, feijão, batata, tendo que importá-los. Com isso, a balança comercial estava sempre deficitária. Importava-se mais do que se exportava. O governador encarava outra questão difícil: ele sabia administrar bem, porém, era tímido politicamente e enfrentava diversas críticas, vindas principalmente do ex-governador de Pernambuco Manoel Borba. A construção da avenida Beira Mar, por exemplo, foi muito criticada por este último. Borba achava que Boa Viagem era uma área rural e deserta e que o dinheiro público deveria ser investido em obras mais necessárias para a população.

Naquela época, o Recife contava com 239 mil habitantes. Por suas ruas, podia-se avistar senhores de engenhos, comerciantes, portugueses, ex-escravos, mulheres que saíam de casa para fazer o “footing” na rua Nova, prostitutas, mascates, carregadores de piano e uma gama de pessoas que vinha de outros lugares, misturando-se a outras que já nasceram no local ou que já estavam familiarizadas com a cidade. Os judeus era um dos povos recém-chegados no Recife. Vinham em sua maior parte do leste europeu, fugindo dos terríveis ataques que sofriam na Europa.

Os judeus encontravam no Recife bem mais receptividade do que em suas cidades de origem. Porém, eles guardavam um certo receio de serem perseguidos e terem que

voltar. Por esta razão, os rituais judaicos eram praticados dentro das casas e nas sinagogas. Existia um temor gerado pelo surgimento do integralismo e seus seguidores, pois os integrantes do movimento possuíam inspirações fascistas e portanto, eram antissemitas. O integralismo encontrou dissidentes no Recife. Quando Plínio Salgado, líder do partido no Brasil, fundou a Ação Integralista Brasileira (TRINDADE, 2009; BRANDI, 2009), encontrou apoiadores principalmente entre estudantes da Faculdade de Direito do Recife.

Quando a família Lispector chegou ao Recife, os judeus já estavam mais organizados e era comum se solidarizarem uns com os outros. Eles trabalhavam no ramo de móveis e madeiras em geral. Mas para os imigrantes que estavam chegando, a profissão mais comum era “klientele” (mascate) (ALGRANTI, 2019). Foi o caso de Pedro Lispector, que comprava e vendia roupas usadas. A diferença entre os mascates nativos e os judeus é que estes últimos costumavam atrair seus clientes vendendo a prazo, sendo as parcelas anotadas em cadernetas. Ofereciam também produtos e serviços diferentes.

Quando os Lispector decidiram vir ao Brasil, tiveram sorte porque havia abertura por parte do governo brasileiro com relação aos imigrantes. Na década seguinte, quando já estavam estabelecidos no Recife, a situação já não era a mesma. Em 1931 foi instituído o regime restritivo aos imigrantes e em 1933, as ideias nazistas já ecoavam no país, tendo no integralismo seus representantes. Este movimento fracassou porque a formação da população brasileira era diferente da alemã e os judeus estabelecidos no Brasil puderam então respirar aliviados. Ressalta-se que alguns estudiosos não são a favor da ideia de que o integralismo e o nazismo comungam da mesma ideologia racista.

Embate pessoal ou político?

Sabe-se que João Pessoa, presidente do estado da Paraíba empossado em 1928, era inimigo do jornalista e advogado João Dantas. Isto porque quando se elegeu, João Pessoa resolveu fazer uma reforma político-administrativa, afetando diretamente os tributos que incidiam sobre o comércio no interior do estado e no porto do Recife. Até ele assumir o cargo, nada era cobrado para os comerciantes nestes lugares. O coronel José

Pereira Lima, chefe político do município de Princesa e muito amigo de João Dantas, ficou insatisfeito com a reforma. Naquela época, João Pessoa aceitou o convite de Getúlio Vargas para ser vice-presidente da República pela chapa da Aliança Liberal. Júlio Prestes, opositor de Vargas, ganhou as eleições e José Pereira então, que apoiava Prestes, aproveitou a situação para organizar uma rebelião contra o governo do estado da Paraíba. Em contrapartida, João Pessoa ordenou que a polícia revistasse as casas e escritórios dos envolvidos no embate contra ele.

Numa destas revistas, os policiais encontraram cartas eróticas escritas por Anayde Beiriz para João Dantas, na residência deste. Anayde era poetisa, líder feminista, professora e amante de Dantas. João Pessoa, de posse das cartas, mandou publicá-las nos principais jornais da época, o que causou imenso alvoroço entre as pessoas da sociedade conservadora (FERREIRA, 1999, p. 48). João Dantas, sentindo-se profundamente ofendido, sabendo de uma viagem que João Pessoa faria para Recife, seguiu-o até encontra-lo na confeitaria Glória, na rua Nova. Aproximou-se dele e disse: “Sou João Dantas”. Disparou contra ele então, 3 tiros à queima-roupa. João Pessoa morreu ao lado do futuro governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães, que o acompanhava na ocasião. Este fato marcante gerou comoção nacional e acelerou a tomada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930 (CPDOC-FGV, 2017).

Aquele crime aconteceu muito próximo à casa de Clarice Lispector. Conta David Wainstok, um primo de Clarice, que quando observou o tumulto acontecendo nas proximidades da rua Nova, correu para o local e chegou a ver o corpo de João Pessoa estendido no banco de uma farmácia próxima ao lugar onde ele foi assassinado (WAINSTOCK, 1999, p. 278). Na casa de Clarice, as pessoas que estavam lá, como Samuel Lispector e suas irmãs, primos de Clarice, também acompanharam da varanda o alvoroço que tinha se instalado na cidade por conta do ocorrido.

Imbrólios Intelectuais

Durante a década de 1920, também aconteceram conflitos na área cultural. A questão da modernização, como vimos, era assunto recorrente. Gilberto Freyre, que havia acabado de chegar de viagem dos Estados Unidos, acreditava que alguns intelectuais se apegavam demais e de forma exagerada ao movimento modernista que caminhava em ritmo crescente principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922 que ocorreu em São Paulo. Os ecos do modernismo chegavam no Recife na voz de Joaquim Inojosa, principal defensor do movimento.

Freyre provocou os modernistas com seu “Manifesto Regionalista”, que enfatizava o valor das tradições. Em contrapartida, Inojosa lançou seu trabalho “O Movimento Modernista em Pernambuco”. Achava Freyre e outros intelectuais demasiadamente saudosistas (REZENDE, 2016, p. 187-249).

Em sua vida adulta, apesar de ser enquadrada entre os modernistas da “geração de 45”, Clarice Lispector não se considerava com tal. Gostava de ser livre em sua escrita, sem necessitar de rótulos. “Liberdade é pouco, o que desejo ainda não tem nome”, escreveu ela em seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* (LISPECTOR, 1998, p. 70).

Clarice Lispector e o Recife: vivências e sensações

Clarice Lispector é a terceira filha do casal Pedro e Marieta Lispector. Antes dela, vieram ao mundo Elisa e Tania, todas nascidas na Ucrânia, país de origem da família, que na época, ainda pertencia à Rússia. No início do século XX, a Ucrânia vivia sob o domínio do czar Nicolau II e como a Rússia era ainda um país agrário, atrasado, pobre, desprovido de constituição que assegurasse ao povo respeito e dignidade, as pessoas estavam bastante insatisfeitas. Uma das formas que o czar encontrou de desviar a atenção da população contra seu governo foi a de insuflar as pessoas contra os judeus. Organizaram-se ataques violentos contra eles. Estas investidas eram chamadas de pogroms. Para os judeus que moravam na Ucrânia, a vida se tornou insuportável, levando-os a migrar de forma urgente para não serem mortos. Foi o caso da família Lispector. De início, a família pensou em ir

para os Estados Unidos, porém, as cotas para entrar no país já haviam sido extintas. No Brasil, Mania contava com sua irmã Zina, que morava em Maceió. Pedro decidiu então viajar com a família até o porto de Hamburgo na Alemanha, onde embarcaram no navio Cuyabá, com destino ao Brasil. Antes disso porém, Mania, que estava grávida, deu à luz a Haia (Clarice), sua terceira filha, na cidade de Tchetchnik, na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. No Recife, ela chegou quando tinha 5 anos.

Clarice era uma menina alegre e chegou no Recife depois de ter morado durante 3 anos em Maceió. A cidade, como já mencionado, passava por todo um movimento de modernização. A eletrificação dos bondes da cidade, que fora realizada em 1914 era parte daquele processo. Os bondes pertenciam à companhia Tramways e eram o principal meio de transporte da família Lispector. Clarice faz menção a eles em sua crônica “Banhos de Mar”. Ela nos conta que Pedro Lispector acreditava que tomar banho de mar antes do sol nascer era benéfico. Clarice, feliz da vida, acordava a família inteira às 4 da manhã para pegarem o bonde que os levaria até Olinda. Ela descreve a felicidade que sentia ao ver o dia clareando, as brincadeiras com a família dentro do bonde, os bichos que avistava pelo caminho. Até que chegavam em Olinda e ela ia para o mar: “com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco de mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele” (LISPECTOR, p. 250-251). Nesta crônica, observamos o apreço que Clarice tinha pela convivência com a família e pelos bichos. Durante o caminho até Olinda, ela menciona os porcos, os belos cavalos. Os bichos foram sempre presentes em sua vida. No Recife, ela teve um macaco e vários gatos e durante a fase adulta, teve a companhia de cães como Dilermando, na Itália e Ulisses, no Rio de Janeiro. Vários são os animais presentes em suas crônicas, contos, livros infantis. “O Ovo e a Galinha”, “O Mistério do Coelho Pensante”, “A Vida Íntima de Laura”, são alguns exemplos da participação deles em sua obra.

Outra crônica de Clarice que remete ao Recife no período em que ela viveu na cidade é “O Passeio da Família” (LISPECTOR, 1984, p. 233-234). Desta vez, a família não ruma para Olinda e sim ao porto. O que fica mais perceptível na crônica é o fator emocional da família naquele momento. O pai, entristecido, fixava o olhar nas águas oleosas do porto, apesar dos apelos das filhas para que enxergasse outras paisagens. Tristeza que talvez tivesse origem nas dificuldades do passado na Ucrânia, na doença da

esposa, na pobreza em que vivia. As preocupações com as finanças eram constantes: “mesmo sem termos feito nada, gastamos tanto”, dizia Pedro Lispector ao final do passeio. Na crônica, Clarice conta que experimentou “Ovomaltine de bar”. Tudo indica que ela experimentou aquela bebida numa lanchonete aberta em 1928 por um cubano chamado Fidélido Lago³, e que ficava num edifício que dividia as avenidas Rio Branco e Marquês de Olinda, situadas bem próximas ao porto. O estabelecimento se chamava “As Galerias” e hoje é reconhecido por lei como Patrimônio Cultural, Gastronômico e Imaterial da cidade do Recife (SOBREIRA, 2017). Como a cidade na década de 1920 era um lugar provinciano, com poucas opções de lazer e como o porto havia passado por reformas para receber navios maiores, considerava-se um passeio interessante ir até o local com a família para apreciar as embarcações.

Marieta Lispector, mãe de Clarice, faleceu em 21 de setembro de 1930. Neaquele mesmo ano, Pedro Lispector comprou um piano com muito sacrifício para as filhas estudarem. Este acontecimento está relatado na crônica “Lição de Piano” (LISPECTOR, 1984, p. 57-58). Tendo o piano em casa para as filhas treinarem, foi contratada uma professora, chamada Dona Pupu. Clarice não gostava das aulas, a não ser pelo fato de criar composições próprias. Foi assim que inventou uma música em duas partes: uma mais suave e a outra mais forte, que parecia uma marcha militar. É interessante observar nesta crônica, a sensibilidade e a capacidade afetiva de Pedro Lispector. Naquele momento em que suas filhas tinham perdido a mãe, foi de grande generosidade seu desejo de tentar oferecer a elas um pouco de distração, cultura e alegria, principalmente em se tratando de um homem com poucos recursos financeiros.

A criatividade de Clarice já era perceptível desde criança. O exemplo disto não veio só na música. Certa vez, ela foi assistir a uma peça no Teatro de Santa Isabel. Encantou-se tanto com o espetáculo que chegando em casa, escreveu sua própria peça em três atos que se chamou “Pobre Menina Rica”. Ela também escrevia pequenos textos e ajudada por Tania, sua irmã, enviava-os para o Diário de Pernambuco, pois naquele jornal, existia uma seção infantil que se chamava “O Diário das Crianças”. Os textos nunca foram publicados e Clarice conta que descobriu a razão: seus textos não continham fatos e sim, sensações (GOTLIB, 2013, p. 86-87). Ela não escrevia para agradar ao leitor.

Na sua escrita, sempre prevaleceram emoções, sentimentos, os mergulhos dentro de si mesma.

O sobrado onde Clarice Lispector morava com a família ficava no foco do carnaval do Recife. Naquela época, o carnaval acontecia nas ruas Nova, Princesa Isabel, Imperador, Hospício e Imperatriz. As duas últimas desembocam na praça Maciel Pinheiro. Na frente do sobrado, passavam pessoas fantasiadas de papangus, máscaras de fronhas, arlequins, entre outras. Confetes e serpentinas eram jogadas para o alto. O curso, manifestação carnavalesca onde as pessoas desfilavam em cima de carros, era atração na rua da Imperatriz. Clarice, maravilhada com toda aquela alegria, não podia participar muito. Por ser ainda criança, só a deixavam ficar no pé da escada do sobrado e com o horário limitado até às 11 horas da noite. Em um determinado carnaval, a mãe de uma amiga dela resolveu que faria uma fantasia não só para a filha, mas para ela também, por ter sobrado bastante papel crepom. Radiante, Clarice se preparou com a amiga nos mínimos detalhes, mas quando estava pronta, sua mãe piorou de saúde e ela teve que correr toda fantasiada de rosa para a farmácia para comprar um remédio. Quando tudo se acalmou e ela conseguiu ir para o carnaval, já não era a mesma. Alguma coisa tinha morrido dentro dela, como ela descreveu na crônica “Restos de Carnaval”. A mãe de Clarice era uma questão difícil para ela. Por causa da paralisia que a acometia, Marieta não podia chegar até Clarice, conversar, acarinhar, atitudes que normalmente uma mãe faz pela filha. De maneira inversa, Clarice tentava de alguma forma, comunicar-se com a mãe, chegar-se até ela, e até mesmo fazê-la sorrir com algumas brincadeiras que inventava. Existia um peso que Clarice carregava por imaginar ter falhado em curar sua mãe. Ela sabia que seu nascimento estava relacionado com uma superstição que havia na Ucrânia de que se uma mulher desse à luz a uma criança, ela estaria liberta de qualquer doença.

Felicidade clandestina é um conto também ambientado no Recife. Na rua da Imperatriz, ainda hoje existe a livraria Imperatriz, cuja filha do dono, Reveca, colega de Clarice, possuía o objeto de desejo dela: o livro “As renações de Narizinho”, de Monteiro Lobato. Reveca prometeu emprestá-lo a Clarice, porém, toda vez que ela chegava ansiosa na casa da menina para apanhar o livro, Reveca dizia perversamente que o livro havia sido emprestado. Um certo dia, a mãe dela descobriu o “plano diabólico” da filha e fez a

menina entregar o livro a Clarice e que ela podia ficar com o livro pelo tempo que quisesse. Dentre outros aspectos, este conto ressalta o forte desejo de ler de Clarice e a percepção aguçada que ela tinha para observar as relações humanas em sua inteireza, mesmo em se tratando de crianças envolvidas. Ela coloca as crianças num patamar de respeito quanto às suas emoções, sem considerá-las como meros adornos.

Clarice Lispector, que se considerava pernambucana, ficou no Recife até 1935, quando tinha 15 anos. Naquele ano, seu pai decidiu partir com as três filhas para o Rio de Janeiro.

Considerações finais

“Que coisas são ‘resolvidas’? Não ficam para trás todas as questões da vida vivida, como uma ramada que nos tapou a vista? Quase nunca pensamos em cortá-la, nem mesmo em desbastá-la. Continuamos o nosso caminho, deixamo-la para trás e conseguimos de fato vê-la a distância, mas de forma indistinta, como uma sombra e, assim, envolvida em enigma”. (BENJAMIN, 2017, p. 15)

As transformações pelas quais Clarice passava interagiam com as mudanças de uma cidade que se modernizava. O Recife de 1935 já não era mais o mesmo de quando Clarice chegou ainda pequena. Os imigrantes judeus já não tinham a mesma abertura para desembarcar na cidade como na década anterior. E Clarice caminhava para o universo adulto anunciando o início de uma trajetória brilhante: pouco depois de sair do Recife, escreveria *Perto do Coração Selvagem*, seu primeiro livro.

Quando observamos a obra de Clarice Lispector, percebemos um desejo intenso da escritora de entender a si própria. Como se o tempo inteiro ela conversasse consigo mesma, questionando-se através de sua escrita. Consequentemente, o leitor embarca com ela nesta viagem, instigado a também fazer o mesmo, num exercício que requer muita coragem e pode ser feito em qualquer lugar, em qualquer tempo. De uma forma muito presente, porém, a cidade interage com quem nela vive. O indivíduo e a cidade não se fundem, mas se interligam numa troca profunda. E com Clarice não foi diferente. O Recife esteve sempre todo vivo nela.

Notas

¹ Os nomes foram modificados quando a família chegou em Maceió. Na Ucrânia, Pedro se chamava Pinkas, Marieta se chamava Mania, Elisa era Lea, Tania era Tania mesmo e Clarice se chamava Haia.

² Conforme depoimento de Márcia Algranti, sobrinha de Clarice Lispector, durante a estadia em Maceió, Pedro e sua família foram muito humilhados por José Rabin, que era casado com Zina, irmã de Marieta, sendo esta uma das razões pela qual a família decidiu ir morar no Recife.

³ Fidélio Lago fugiu para o Brasil por causa da crise econômica pela qual Cuba passava. Hoje, a lanchonete As Galerias fica situada em outro endereço, na rua da Guia, e é administrada pelo seu neto Jorge Gomes.

Referências Bibliográficas

ALGRANTI, Márcia. Entrevista. Teresópolis-RJ, 10 de junho de 2019.

BARROS, Souza. *A Década de 20 em Pernambuco*. Recife. Companhia Editora de Pernambuco, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única, Infância Berlinense: 1900*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector — Esboço para um Possível Retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BRANDI, Paulo. Plínio Salgado. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/salgado-plinio>, acesso em 25/07/2019.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. (Tese). Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice Fotobiografia*, São Paulo. EDUSP, 2014.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: Uma vida que se conta*, São Paulo. EDUSP, 2013.

João Pessoa. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, 2017. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/joao_pessoa. Acesso em 27/07/2019.

LISPECTOR, *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1998.

LUDERMIR, Rosa Bernarda. *Um Lugar Judeu no Recife: A influência de elementos culturais no processo de apropriação do espaço urbano no bairro da Boa Vista pela imigração judaica na primeira metade do século XX*. Tese de Mestrado. Recife: UFPE, 2005.

MODELLI, Laís. *Clarice Lispector: mais de 40 anos após morte, escritora desperta mais questões do que quando viva*. (Depoimento de Youdith Rosembaun). São Paulo. BBC Brasil, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42313869>, acesso em 21/06/2019.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife. Editora UFPE, 2016.

REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. Recife. Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SOBREIRA, Vinícius. No Recife, lanchonete completa 89 anos como patrimônio da cidade. Recife. Brasil de Fato, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/30/lanchonete-com-89-anos-de-tradicao-no-recife-antigo/>. Acesso em 28/07/2019.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo*. Rio de Janeiro. CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo>, acesso em: 25/07/2019.

WAINSTOCK, David. *Caminhada: reminiscências e reflexões*. Rio de Janeiro. Editora Lidador LTDA, 1999.